

# FAMÍLIA, FILIOCRACIA E JUVENTUDE

Pe. Evaristo Debiasi  
Professor de Psicologia Religiosa

Ninguém mais expressa a situação de uma época do que a juventude, no seu modo de ser e de agir. Karl RAHNER, numa de suas reflexões, afirmou que "a juventude do nosso tempo, antropológicamente falando, é toda diferente da de ontem". Na verdade, embora, em termos cronológicos, o período da juventude seja um tempo determinado em todas as épocas, na dimensão existencial há uma profunda diferença do ontem para hoje. Esta visão é decisiva para a compreensão do ser e do existir do jovem na Igreja e no mundo, e muito mais numa compreensão objetiva da pastoral da juventude. Acontece que o jovem de ontem era feito de seu meio ambiente, que era seu universo, enquanto hoje o mundo todo é seu meio ambiente! O modo de ser, de pensar e de agir da juventude não é apenas fruto de uma situação ou de sua interação apenas com o meio social, familiar e com os valores de onde nasceu, mas é fruto do mundo atual na complexidade de seus valores e desvalores em todas as dimensões. Nisto o existir da idade "juventude" hoje é profundamente diferenciado do existir de ontem. A compreensão do existir da juventude hoje obedece a critérios e análises diferentes, fazendo com que os jovens, existencialmente falando, sejam distintos dos de ontem.

---

## Não é a verdade que muda, é a forma de a encarnar que deve mudar

---

A juventude atual é filha do nosso tempo: reflete-o em seu comportamento e deve ser amada, ajudada e questionada nesta dimensão. Sem isto, perderíamos a capacidade de dialogar com os jovens de hoje. Por esse motivo, pastoralmente se exige uma forma de apresentar o conteúdo da vida e das verdades da evangelização de forma diferente. Não é a verdade que muda, é a forma de a encarnar que deve mudar. A análise de que ontem era melhor, hoje pior, ou vice-versa, não leva a nada: nós, e nossa pastoral, é que devemos adaptar-nos à realidade do hoje.

Portanto, a compreensão da idade Juventude, não só como um período de passagem, mas como um tempo de vida, deve ser buscada numa visão global do mundo em que vivemos. O mesmo valerá para termos uma compreensão mais objetiva da situação em que se encontra a família e o próprio ser humano.

Mergulhar numa visão antropológica do existir do homem em nosso tempo, marcado pela complexidade de tudo o que o envolve, buscando ter uma visão cada vez mais crítica e objetiva das riquezas e dos limites, dos valores e desvalores que o envolvem dentro das diversidades das cosmovisões do mundo atual, é aproximar-nos do ser da juventude com realismo, para a ajudarmos através de uma evangelização encarnada e libertadora.

O mundo atual se caracteriza por profundas mudanças, conquistas e transformações em todos os campos e níveis, atingindo a própria estrutura do ser e do existir da fonte básica da vida, A FAMÍLIA e, por consequência, do próprio comportamento humano e da maneira de conceber a vida.

Na verdade, se nos situarmos, por exemplo, no espaço de um pequeno período de tempo e buscarmos, através de um conhecimento sociológico, psicológico e antropológico, analisar o ser e o existir da família no *relacionamento pais e filhos*, constataremos esta passagem rápida de mudanças na vivência dos papéis

e mesmo dos valores na constelação familiar, mudanças que alteram a compreensão da idade juventude. Sem falarmos de que também a família sofre o mundo em que vivemos.

Até pouco tempo atrás vivíamos a *família patriarcal*, com seus limites, mas com sua solidez quanto à estrutura transmissora não somente da vida biológica, mas dos valores e das tradições sadias de pais para filhos. Tudo girava em torno do pai como centro e da mãe como participativa de toda a formação e orientação familiar, enquanto o papel dos filhos era mais passivo. Mas havia certa solidez de formação de geração para geração, de pais para filhos, havia certa harmonia de valores e uma presença mais sadia da autoridade, produzindo estabilidade no comportamento, embora tudo marcado também com sérios limites. Havia, sem dúvida, uma estrutura familiar organizada.

Com o entrar da sociedade industrial, começou a existir a *família matriarcal*. O homem aparece cada vez mais como o responsável pela manutenção econômica da casa e dos filhos, e a mãe mais responsável pela educação e formação. Nasce assim uma dicotomia dos papéis na educação, trazendo um enfraquecimento na força unitiva e positiva da missão e da autoridade dos pais na formação dos filhos, com consequências graves para a estabilidade do ser e do existir das novas gerações. Um mal que ainda se faz sentir fortemente na estrutura familiar.

---

## Com o entrar da chamada era moderna, surge a família filiarcal.

---

Com o entrar da chamada era moderna, surge a *família filiarcal*. Os pais, ambos, têm que se ausentar da casa, os filhos ficam entregues a outrem, em sua educação. A casa, como lar, fica mais uma pensão. O relacionamento pais e filhos é fortemente atingido. Mora-se numa casa, mas vive-se e cresce-se longe um do outro. Há uma ambigüidade forte no exercício dos papéis na estrutura familiar. Os pais, inseguros em sua missão, questionados pelo mundo em que vivem, distantes de seus filhos e estes dos pais, já não sabem bem o que transmitir aos filhos. Preferem omitir-se. Vítimas das necessidades criadas pelo consumismo atual, transformam-se em empregados dos próprios filhos. Dão coisas, mais do que se dão. Não sabem negar nada para os satisfazer. Esta é uma das crises mais fortes da estrutura familiar.

E poderíamos falar que isto em parte acontece também na Igreja. Muitos acusam a juventude de não querer mais nada de sério, quando nós, da Igreja, não sabemos apontar-lhe o caminho. Na verdade, tanto os pais, como nós, na pastoral, não temos um discurso claro e seguro sobre os valores a serem apresentados às novas gerações. Dizer que as novas gerações não têm sensibilidade para os verdadeiros valores, para o espiritual, é uma injustiça. Infelizmente, grande parte dos jovens buscam gurus e mesmo a droga, porque nós não lhes apresentamos a força do Evangelho e, acima de tudo, Cristo e sua mensagem. Há uma sede e fome de Deus no mundo todo, mas falta quem a satisfaça!

Voltemos, porém, à família e à sua estrutura. Como fonte e escola da vida, sentimo-la profundamente enferma e debilitada. O papel e missão dos pais, não somente o de transmitir bons conhecimentos e valores, mas acima de tudo o gosto e a alegria de viver, desapareceram, não tanto por sua culpa, como pelas circunstâncias do tempo que vivemos.

Esta crise acentuou-se mais pela própria presença de uma psicologia não objetiva (psicologismo), segundo a qual nada se deve proibir ou exigir dos filhos. Os pais, confusos e perdidos, questionados no que acreditavam e nos valores que transmitiam e receberam de seus próprios pais e da Igreja, calam-se e tornam-se espectadores sofridos de seus filhos. Os filhos, marcados por um liberalismo sem limites e pela ambivalência de tudo que os cerca, vivem uma experiência dolorosa em seu íntimo. Além dos questionamentos próprios da sua idade, sentem-se sem o apoio do passado, sem perspectivas de futuro e sem seguranças no presente. Esta tensão existencial entre pais e filhos gera toda uma agressividade na constelação familiar impossibilitando o diálogo, único caminho para transformar a família na fonte de vida e de amor a que todos aspiram. Este estado de coisas veio produzir a geração de pais que cresceram com medo de seus pais e hoje temem seus próprios filhos. A *família filiocrata*, onde os pais são mais empregados dos filhos que seus formadores, nasceu desta situação paradoxal em que foi lançada a família no mundo atual. Claro, sempre há exceções, que aliás confirmam a regra.

Por outro lado, vemos em todos os cantos do mundo o renascer e o aspirar pela vida. Vivemos um tempo em que temos saudades da vida verdadeira. Da gigantesca experiência do vazio nasce a sede do essencial, da busca de sentido (Victor FRANKL). Estamos entrando na era do afetivo. O homem anseia pelo humano, pelos valores, por mais relações, pela comunhão, pelo significado do existir, do viver em família, tem sede enorme do espiritual.

---

## A Igreja tem algo de muito concreto e vivo a oferecer ao homem e ao mundo na busca da vida e do sentido

---

A Igreja tem algo de muito concreto e vivo a oferecer ao homem e ao mundo na busca da vida e do sentido do existir. Cristo e sua mensagem!

É urgente, é urgentíssimo que se salve a família como fonte primeira da vida, da formação e da evangelização, recompondo não mais o estilo patriarcal, nem o matriarcal e nem muito menos o filiarcal, mas a família como célula viva de comunhão, de participação e de amor, onde pais e filhos assumam seus papéis definidos na busca dos verdadeiros valores que dêem sentido ao existir e à vida. A Igreja, nascida da Trindade, com a força do Espírito, através de Cristo e de sua mensagem, tem tudo a oferecer ao coração do homem ferido dentro do tempo.

BERDIAEFF, filósofo russo-francês, em seu livro "A semente do Eterno", estudando todas as civilizações, através da história, constata esta verdade. A sanidade das civilizações e da vida no tempo se deve a quatro constantes permanentes: a solidez da família como fonte da vida, a ordem e hierarquia dos valores, o significado e sentido da vida (razão de ser), e a transmissão e vivência do verdadeiro sentido do amor. Sempre que estas verdades foram debilitadas, as civilizações e povos adoeceram e mesmo morreram.

Récentemente, um encontro internacional em Roma sobre o comportamento do homem atual, e sobre o porquê da perda da qualidade de vida pelo abuso das drogas nas novas gerações, termina com esta síntese: "Para salvarmos o destino de milhões de pessoas, principalmente dos jovens, é urgente que se volte a dar o sentido da vida, a solidez dos valores, que se criem esperanças e se restitua o verdadeiro valor do amor".

O já lembrado Victor FRANKL, um dos grandes homens do nosso tempo, como cientista do comportamento humano, psiquiatra e neurologista, discípulo de Freud e companheiro de

Adler e de Jung, inventor da terceira escola da psicologia, a *logoterapia* (busca de sentido da vida), através de seus livros apresenta a perda do significado da vida como uma das maiores tragédias e causa das neuroses do homem moderno (neuroses do espírito), que levam à perda do *elá* de viver, principalmente na juventude.

O último congresso internacional de Viena sobre a realidade das drogas no mundo nos deixa esta triste informação: "É desolador constatar que o homem atual, na riqueza de suas conquistas e no estágio a que chegou em sua consciência, tenha também conquistado a cifra espantosa de mais de 280 milhões de pessoas morrendo vítimas das drogas, enquanto o total das vítimas da última guerra mundial chegou a 50 milhões!" Somente nos Estados Unidos, no primeiro semestre deste ano de 91, as estatísticas apontam para 600 mil jovens que tentaram o suicídio. Por que? No dizer do psicólogo CARUSO: "Vivemos uma crise existencial onde se inverteu a ordem dos valores, onde se absolutizou o relativo e se relativizou o absoluto, tendo por consequência a morte da vida".

---

## Um mundo que conquistou o espaço externo mas perdeu o interno

---

Esta preocupante realidade, que em parte atinge a todos, mas de modo mais concreto a juventude como idade da opção de vida, é fruto do tempo que vivemos, marcado pela perda do essencial e do porquê e do para quê da vida. É fruto de um mundo que fez o homem para fora e não para dentro de si, que o fez capaz de produzir mas não o ensinou a ser, que mede o valor do exterior e não do interior, um mundo que conquistou o espaço externo mas perdeu o interno, que relativizou os valores essenciais e em muito absolutizou o relativo, valorizando apenas o presente sem a perspectiva do futuro, do espiritual, de Deus. Um mundo que aproximou as distâncias mas distanciou as proximidades, um mundo que ironicamente chamamos de "era das comunicações" mas que como nunca isola o ser humano, lançando-o na solidão existencial pela perda do sentido da vida.

Entretanto, no profundo desta situação há um desejo de libertação, uma saudade da vida, de Deus. O homem se cansa rapidamente do vazio, não consegue viver muito tempo fora do caminho certo, nem quando isto lhe é imposto (cf. o Leste europeu). A verdade e Deus são invencíveis: "Inquieto estava meu coração enquanto não descansou em vós, Senhor!" (Santo Agostinho, nas "Confissões").

De fato, há uma saudade da vida no coração do homem atual. Há um desejo forte de reencontrar-se consigo, com os outros, com o essencial, com o amor, com Deus. A Igreja, como já dissemos, tem algo de muito concreto, vivo e pessoal, a oferecer para sanar o coração ferido do homem atual: Cristo e sua mensagem. O Cristianismo não é uma religião apenas, mas é acima de tudo o seguimento de uma Pessoa, Jesus de Nazaré, que tem uma mensagem a oferecer ao homem de sempre, principalmente para a juventude, em sua sede de vida e de amor.

O Papa João Paulo II, sabiamente consciente dos tempos que vivemos e das aspirações do coração do homem atual, em suas mensagens principalmente à juventude, insiste: "Não há verdadeira Igreja, nem família, nem juventude, nem libertação, sem a abertura para a transcendência". Não dar ao mundo de hoje, ao homem atual e principalmente à juventude, Cristo e sua mensagem, é o nosso maior pecado.

Sejamos sinceros. Apesar de sua *opção preferencial* oficial, *também pela família e a juventude* (Puebla), a Igreja na América Latina não priorizou na prática sua evangelização aos jovens. Não conseguimos na prática acertar uma evangelização concreta

---

## Crescem e se formam em sua maioria à margem dos valores do Evangelho

---

e encarnada para nossa juventude, deixando as Universidades e a juventude em geral à margem do conhecimento de Cristo e de sua mensagem. E sabemos que as gerações que dirigirão o Brasil no ano 2000 e depois, crescem e se formam em sua maioria à margem dos valores do Evangelho. Este sem dúvida é um dos mais graves pecados históricos da Igreja na América Latina. Como será a família de amanhã, sem os valores do Evangelho?

É urgente que, ao buscarmos a "nova civilização do amor", e ao refletirmos sobre os 500 anos da evangelização na América Latina, optemos com urgência pela evangelização das novas gerações do nosso continente. Sem isto, a Igreja doméstica como fonte de vida e de evangelização não nascerá. O "novum" nunca aparecerá sem a presença da novidade única capaz de transformar o coração do homem e do mundo, Cristo e sua mensagem.

"Na verdade, somente poderemos depositar a sorte futura da humanidade nas mãos dos que sabem transmitir, às novas

gerações, razões de ser e de esperar". Isto jamais será possível fora de Cristo, de sua Boa Nova.

A nova família, nem patriarcal nem matriarcal nem filocrata, mas fonte participativa e viva da comunhão e do amor, verdadeira "Igreja doméstica" no relacionamento de pais e filhos em Cristo, surgirá quando lhe restituirmos sua vocação e missão, à qual desde sempre foi chamada: ser "imagem e semelhança" (cf. Gn 1, 26) de Deus, que no mistério profundo do seu Ser é Trindade, Família, Amor.

### BIBLIOGRAFIA de aprofundamento:

- GONÇALVES, Ernesto de L. "Família, Claro e Escuro", ed. Paulinas  
FRAGA, Hélio. "A Família, último lugar", ed. Paulinas  
LOPES, Alzira. "Casa de Pais, Escolha de Filhos", ed. Paulinas  
SILVA, Dirce B. P. "Pais, Amigos ou Censores", ed. Paulinas  
YORK, Phyllis D. e WACHTEL, Ted. "Amor Exigente", ed. Loyola  
FRANKL, Victor E. "Psicoterapia e sentido da vida", ed. Quadrante  
FRANKL, Victor E. "Um psicólogo no campo de concentração", ed. Sulina  
JOÃO PAULO II, seus pronunciamentos sobre a família, especialmente a Exortação Apostólica "Familiaris Consortio", de 1981

Endereço do autor:  
ITESC — Caixa Postal 5.041  
88041 — FLORIANÓPOLIS — SC

# O ADOLESCENTE, A FAMÍLIA E AS DROGAS

Prof. Jairo Brincas  
Presidente do CONEN (Conselho Estadual de Entorpecentes) SC

"Chega um dia na vida dos pais em que se defrontam com uma súbita compreensão: meu filho não é mais uma criança" (Dr. Hain Gnot).  
Realmente o nosso filho/a "morreu" para a infância e nasce para a vida adulta. A "tia", a professora na escola, agora passa a ser chamada de professora ou dona fulana. Agora, nós, pais, somos olhados com desconfiança, nossa presença é rejeitada, já não somos os "maiores".

Porém, ao mesmo tempo, com os olhos, pede que o compreendamos; mas se quisermos abraçá-lo, protegê-lo, mais uma vez somos rejeitados. Entretanto, ele/a gosta de ser gostado. Compreendê-lo, significa viver e entender esta fase que ele está vivendo. Torna-se um desconhecido para nós, derrama café, sopa, na toalha da mesa, etc. Nos tornamos atônitos, perplexos, todavia, apesar da sua arrogância e "independência", notamos que ele/a precisa de nós.

Como ajudá-lo? Para que possamos ajudá-lo, temos que entender o que está ocorrendo, o que se passa.  
A entrada na adolescência representa a "morte para a infância, e ocorre como um "explodir primaveril" (Pe. Eugène Charbonneau). De repente, como um despertador biológico que soa,

---

## Ajudá-lo nas suas novas emoções e questionamentos

---

o hipotálamo desperta a hipófise, essa por sua vez, aciona as glândulas sexuais, que passam a produzir hormônios e todo o conjunto de reações passam a acontecer, quer no plano biológico,

quer no plano psicológico. Assim, precisamos assisti-lo nas suas necessidades, quer para aceitação do seu novo corpo, pois ele/a o desconhece e às vezes não o aceita, quer para ajudá-lo nas suas novas emoções e questionamentos, para o ajustamento de uma personalidade adulta que ora se esboça. Nosso adolescente passa a receber várias pressões ao mesmo tempo:

a) A escola é opressora, os currículos não satisfazem o interesse do jovem, ela é massificante, exige do aluno um desempenho que permite aprová-lo no fim do período, sem examinar o seu interesse. Os professores, na maioria das vezes, desestimulados por salários aviltantes, sem condições para um bom empenho, em função das péssimas condições da escola. Existe também o próprio despreparo do professor, sem vocação profissional, o que não se constitui em fato raro, e o adolescente é o último elo da corrente, onde tudo isto vai refletir de forma negativa.

b) O grupo social do jovem, onde ele busca afeto e segurança emocional e no qual ele precisa ser aceito; tem muitas vezes valores completamente diferentes da família, e o nosso filho entra em estado de angústia. Especialmente se as drogas são parte integrante da filosofia do grupo. Como conviver com esses companheiros que usam drogas, sem que ele se torne também usuário delas? Como resistir a esta terrível pressão?

Parece-nos que o jovem terá três opções:  
— a primeira: sair do grupo.